



DIFERENCIAL

18 11 ABR 2013
QUINZENA



O Técnico visto pelos outros

Arrogância. Exigência. Nerds.

O Diferencial perguntou aos alunos de ciências e engenharia de Portugal o que pensam do Técnico, e foram estas as três palavras mais usadas. Afinal, enquanto estamos ocupados a estudar para o teste de ACED, que imagem vamos passando para fora?

Uma coisa é certa: boa ou má, toda a gente tem uma opinião sobre o IST. O nosso questionário online teve aproximadamente 600 respostas vindas de todo o país, e nem sequer oferecemos gelados.

Os suspeitos do costume – FCT-UNL, FCUL, FEUP e FCTUCoimbra – fizeram-se representar em peso, mas houve também alguns jogadores surpresa como o Politécnico de Leiria e a Universidade da Madeira. As respostas foram tão variadas quanto as faculdades, mas há uma ideia unânime: o Instituto Superior Técnico é a segunda melhor faculdade de engenharia de Portugal. A melhor? A de quem responde, obviamente!

Quais foram os principais problemas apontados?

Os cem anos do IST pesaram muito na avaliação dos nossos colegas: a grande carga teórica, a desactualização dos currículos, a falta de cursos inovadores e o desgaste das instalações ocupam o topo das queixas. Claro que algumas nos parecem injustas: o ênfase na teoria já se sabe que não é defeito, é feitio, e efectivamente existe muita inovação e investigação de ponta no IST - faltará o marketing para que não nos vejam apenas como uma fábrica que cospe engenheiros civis?

Por outro lado, fazemos nossas as suas palavras em relação às instalações da Alameda. Todos sabemos o que é passar por baldes a apanhar água da chuva dentro dos pavilhões, ou ter uma aula numa sala com o tecto a ceder. Talvez fosse boa ideia que, a par do investimento em novas localizações, o Técnico se preocupasse em renovar e melhorar o Campus que serve a esmagadora maioria do seu corpo estudantil.

A imagem que os alunos do IST passam para fora também não é propriamente animadora: o futuro engenheiro do Técnico é, aparentemente, um menino rico e elitista, que não sabe trabalhar em equipa e não tem vida social fora dos jogos online. O

O que não se passa no Técnico

Factos e mitos analisados à lupa do exagero.

Página 3



Financiamento do Ensino Superior

Estaremos dispostos a pagar (ainda) mais propinas?

Página 4



HackerSchool

O grupo do IST para criação de tecnologia onde basta ter tempo, paixão e dedicação.

Página 5



Binómio de Discriminação

Não sabes onde comer ou que jogar? O Diferencial apresenta-te o novo guia gastronómico - juntamente com videojogos.

Página 7

Agenda Cultural

Cinema, antigo e recente, jazz no metro e robótica: a agenda extra-IST nos próximos quinze dias.

Página 8



EDITORIAL

Chegada mais uma época de testes, o sentimento geral na sala da redacção parece ser o mesmo que se encontra um pouco por todos os bares, corredores e salas de estudo – até a daqui do lado, que entretanto voltou a abrir e com uma espécie de horário estranho, mas alargado em relação ao que tinha anteriormente – que é um misto da forte necessidade de aprender a matéria necessária para passar nas provas de avaliação com a vontade de descansar e aproveitar todos os momentos de distração para recuperar o fôlego e continuar.

Durante este tempo, surgiu-nos uma dúvida: será isto que se verifica em todas as faculdades do país durante estes períodos? Como todos somos alunos do Técnico e, portanto, não falamos com ninguém fora dos portões da Alameda, não conseguimos responder a esta pergunta, que, imaginamos, já foi feita por todos pelo menos uma vez. Decidimos então editar um artigo com a perspectiva de quem está de fora: distribuímos pelos alunos de outras faculdades um questionário online que nos permitiu comparar o que acontece aqui e lá, e, de caminho, perceber a ideia que os outros estudantes têm de nós. A conclusão mais clara é que o IST é a segunda instituição de ensino superior mais exigente, a seguir apenas... à que frequenta cada pessoa que preencheu o inquérito. Os nossos leitores podem ficar a conhecer o resto dos resultados no artigo de capa.

O que temos a certeza de ser uma constante em todo o ensino português é o cada vez mais escasso financiamento recebido. No passado Domingo o Primeiro Ministro, numa comunicação relativa ao chumbo das novas medidas de austeridade pelo Tribunal Constitucional, anunciou ainda mais cortes na despesa pública, desde a redução de pensões até novas reduções nas verbas cedidas ao ensino superior, que se traduzirão, entre outros efeitos, em mais aumentos das propinas. Se a capacidade de cálculos financeiros parece já não ser muito forte nos actuais técnicos do governo, é bastante difícil tentar imaginar como seria se também estes não tivessem tido a oportunidade de ter ingressado no ensino superior.

mau ambiente social e a competitividade entre alunos foram, de resto, as principais razões dadas por quem decidiu candidatar-se a outra Universidade.

Quando confrontados com a facilidade dos engenheiros do Técnico na busca de emprego e a sua forte presença nos quadros das empresas do PSI 20, a maioria dos inquiridos mostrou-se céptica: dizem que a falta de soft-skills e variedade nos currículos fará com que sejamos rejeitados, que o PSI 20 é um indicador enviesado e antiquado, e que o nosso sucesso se deve a cunhas, à localização lisboeta e ao velho prestígio de uma instituição agora em decadência. Aqui temos de discordar: olhando para a taxa de empregabilidade do IST, para a nossa Incubadora de Empresas, os excelentes Centros de Investigação, e as várias Pós-Graduações nacionais e internacionais que temos disponíveis, custa-nos acreditar em previsões tão pessimistas.

Será que ainda deixaram espaço para pontos positivos?

Apesar das muitas opiniões negativas, nem tudo é assim tão negro. A qualidade e exigência do ensino no Técnico é reconhecida em todo o país e foi comentada

por muitos dos alunos. Mesmo os mais críticos admitiram que o IST é uma instituição de excelência cujo nome abre muitas portas, e que quem consegue acabar o curso tem bases sólidas de conhecimento e a capacidade de se desenrascar.

Embora as instalações tenham sido fortemente condenadas, muitos frequentam o "aquário" e as bibliotecas, e alguns até são fãs das salas de estudo do Tagus. Há ainda bastantes inquiridos que confessam que gostariam de se juntar a nós para fazer o mestrado ou o doutoramento. Esperamos sinceramente que o consigam!

Em conclusão, gostaríamos de agradecer a todos os estudantes que se disponibilizaram a responder ao nosso questionário, inclusivamente àqueles que se deram ao trabalho de o preencher várias vezes só para nos dizer o quanto nos odeiam. Ver-mo-nos pelos olhos dos outros é sempre uma experiência reveladora, e levamos daqui muito sobre o que pensar. E vocês, o que acham das respostas, críticas construtivas ou haters gonna hate?

Ana Coelho e Beatriz Gonçalves

Quem respondeu ao inquérito?



- Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL)
- Faculdade de Ciências e Tecnologia (UCoimbra)
- Faculdade de Ciências (ULisboa)
- Faculdade de Engenharia (UPorto)
- Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (IPL)
- Outras

ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL

És estudante?

Tira a carta na Monumental por 400 euros, exames incluídos!



www.escomonumental.pt 215475535 968757030 918597181 escomonumental@gmail.com telepac.pt

Privatizar a morte

É estranho falar da vida de alguém após a sua morte. Até é normal esse sentimento de desconforto, provavelmente por se pensar que se uma vida acaba não há razão para a debater: debatem-se apenas as coisas com futuro, e no resto devemos resignar-nos à saudade ou ao esquecimento. Mas Margaret Thatcher morreu. E, se não vou debater aqui a sua vida, deixem que pelo menos imagine a sua negociação ideológica com a Morte. Morte no sentido personificado, na figura do copo esquelético sem rosto que, em tantos desenhos animados, se esconde numa capa preta.

É fácil de adivinhar que a primeira coisa que Thatcher fez quando defrontada com tal figura foi perguntar com quem competia ela no mercado. Ao que a Morte, atônita, respondeu estar ao serviço de um organismo central, público e universal. Thatcher, não se vergando, usou da fama de dama de ferro e advogou a extrema ineficiência desse sistema, deixando desde logo o seu intelecto à disposição para ajudar a desenhar um sistema em que reinasse o princípio do utilizador pagador: onde qualquer pessoa que queira usar os préstimos da Morte tenha a possibilidade de escolher entre vários fornecedores disponíveis, e onde a qualidade de prestação do serviço possa ser proporcional à capacidade económica do sujeito.

Podemos abrir aqui um parêntesis: a ideia de um sistema liberalizado e não universal de Morte não é algo novo. Na Grécia Antiga, era necessário colocar uma moeda na boca do defunto para que esse pudesse pagar os serviços a Coronte, o barqueiro de Hades. Quem não dispusesse de quantia suficiente para esse pagamento havia de padecer durante a eternidade no porto à espera do transporte, ou fazer o caminho a pé durante cem anos. E, no Egipto Antigo, os faraós eram enterrados com inimagináveis tesouros. Talvez para salvaguardar a bonança numa próxima vida, ou quem sabe para comprar os serviços de luxo de um qualquer grupo privado de Morte. Mas ali, naquele cenário, a Morte

explicou à Thatcher que isso era quando os países tinham Antigo depois do nome. Disse que a modernidade preferia a co-opeção entre indivíduos, a criação de estados solidários construídos mediante a contribuição colectiva, e a existência de uma Morte imparcial e cega à capacidade de pagamento dos falecidos. Já estou a compreender tudo, resignou-se Thatcher, achando que a gadanha que a Morte carregava se assemelhava a uma foice.

Há uns dias atrás, um tal de Michael Marmot veio a Portugal. Explicou que o desemprego e o suicídio estão intimamente relacionados: por cada 1% de aumento no primeiro, o segundo cresce 0,8%. Disse que mesmo dentro das zonas desenvolvidas, como Washington DC, a esperança média de vida tem, entre as classes rica e pobre, uma diferença de 18 anos com benefício da primeira. A Morte chega mais cedo em função de condições económicas, o que levanta um enorme debate acerca das suas concepções democráticas e imparciais. E se ela não compreende isso, devia ler mais jornais.

Fernando Pedro



Parceria Diferencial - ISTtruestory bro

O jornal Diferencial e a página de memes ISTtruestory bro realizaram uma parceria para dinamizar a publicação de novas imagens humorísticas. Todas as semanas o Diferencial seleccionará uma animação que será publicada no Tumblr e no Facebook do ISTtruestory bro, marcada como sendo a "selecção do Diferencial". Essa imagem será também publicada no nosso Facebook, para chegar a uma maior audiência. Esperamos que esta seja a primeira de muitas colaborações com comunidades e outros órgãos de comunicação do Técnico.



Diários da Crise

Informação que não é mas pode vir a ser

Troika faz nova avaliação do governo

Novas medidas de austeridade obrigam governo a substituir Relvas por sintético. Nuno Crato, responsável pela pasta da educação, declarou ao Diferencial não haver qualquer problema com a qualidade da composição do executivo, visto "haver condições para dar equivalências".

Margaret Thatcher morreu esta semana no hotel Ritz

Ao fim de 87 anos até o seu coração fez greve. Más notícias para a antiga primeira-ministra conservadora, as leis de trabalho aprovadas pela própria indicam que ainda estará apta para trabalhar. O funeral, ironicamente pago pelo estado, já foi alvo de várias críticas pelo facto da campa ser demasiado pequena como pista de dança para 63 milhões de Ingleses.

APAE organiza lançamento de rockets feitos pelos alunos

Washington declara haver preocupação com as intenções do Governo português e promete negociar com a Troika a aplicação de mais medidas de austeridade.



DIFERENCIAL FICHA TÉCNICA

Direcção
Carlos Moreira, Daniel Fonseca, João Luís, Vasco Rato

Redacção
Alberto Cohen, Ana Coelho, Ana Rodrigues, Beatriz Rodrigues, Cristina Couto, Fernando Pedro, João Correia, Luís Freitas, Luísa Bigode, Manuel Peis, Mi Guerreiro, Raquel Santos, Telma Silva, Tomás Hipólito, Sofia Dias

Jornal Diferencial
Associação dos Estudantes do IST
Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa
email: diferencial.ist@gmail.com
web: diferencial.ist.utl.pt

Quem decide?

Voltou a estar em cima da mesa uma proposta para se cortar o financiamento às instituições de Ensino Superior. As reacções são as esperadas: não existirá dinheiro para investigação e tudo quanto não seja estritamente necessário – salas de estudo, bibliotecas, etc – ficará em risco de fechar. Entretanto, a JSD propõe transformar as propinas num pagamento mensal, e eu pergunto: mensal? Pode ser trimestral, semanal, diário. Embora a questão da divisão do pagamento seja relevante para a liquidez das famílias, no meio da crise sem precedentes em que vivemos é urgente discutir o sistema de financiamento das Universidades e o papel dos alunos e do estado.

Dizem-me “As propinas são necessárias, estudamos e pagamos para isso, ainda por cima é barato” – quem não ouviu já esta frase? Tenho dois problemas com ela. O primeiro reside na ideia subjacente de que o estado é uma entidade alheia à população e que pratica a caridadezinha. Quando se fala dos encargos do estado com a educação fala-se da alocação dos nossos impostos: do IRS da mãe, do IRC da mercearia do pai, do IVA do chocolate que acabaste de comprar. Com ou sem propinas nós pagamos para estudar. O segundo problema é a noção de que é barato. Posso ir buscar os argumentos que já toda a gente conhece: temos uma das propinas mais altas em relação ao rendimento médio familiar, o custo do ensino superior é a principal razão de abandono escolar. Mas vamos lá ver o que isto significa, o que é a propina, e se é ou não barata. Se a propina serve para pagar a nossa passagem na faculdade então quanto é que cada um de nós custa por ano?

No IST são cerca de 10 000 euros – aproximadamente 100M de financiamento divididos por 10 000 alunos. Então qual a razão para pagarmos só 1000? Na realidade pagamos tudo, mas em impostos. A propina é então pouco mais que uma taxa moderadora: quem quer estudar que pague, quem não pode que trabalhe. A Jerónimo Martins vai abrir mais um Pingo Doce mesmo na tua rua.

O outro lado negativo deste modelo de propina arbitrária + parte arbitrária das receitas fiscais, é que está nas mãos de cada governo decidir quanto e como se gasta. Este ano decidem que na UTL se pode viver com menos 10%, para o ano a UCoimbra viverá com menos 12%, talvez com o próximo governo o ISCAL receba mais 1%, e estes baixos e ocasionais altos vão sendo atirados para o ar sem que se tenha grande noção do que significam e sem qualquer justificação.

Então e alternativas? Para quem ler fica aqui a minha, vale o que vale. Imaginem então que não se pagam mais propinas. Continuamos todos a pagar, através de impostos, e os governos deixam de ditar quem recebe o quê. Como é que o dinheiro chega onde deve? Cada um de nós, ao terminar os estudos e começar a trabalhar passa a contribuir directamente através de uma parcela do seu IRS para a Faculdade onde estudou. O valor total a ser pago é definido, em plena liberdade de mercado, por cada escola. Quem propõe valores altos de mais não tem alunos, quem tenta arranjar mais alunos pedindo menos acaba por perder qualidade e arriscar-se a perder os alunos ou mesmo a não chegar a receber dinheiro por formar maus profissionais. Haverá muito a discutir nesta proposta, deixo aqui algumas consequências directas:

Ninguém deixa de estudar por não poder pagar propinas.

Ninguém paga se não vier a ter rendimentos – pela primeira vez as faculdades teriam um incentivo para formar pessoas capazes. Liberdade orçamental para as instituições – capacidade de planeamento de longo prazo e liberdade para se desenvolver sem impedimentos governamentais.

Uma relação clara entre o que se paga e o que se recebe – cada aluno sabe à partida qual o investimento que está a fazer no seu futuro, e cada escola pode propor um valor ajustado às suas necessidades.

Daniel Fonseca

Financiamento Ensino Superior

A lei n.º37/2003, de 22 de Agosto, define as bases do financiamento do ensino superior (ES). O financiamento do ES público processa-se no quadro de uma relação tripartida entre o Estado, as instituições de ensino e os seus estudantes. De um modo muito simplista: o primeiro financia o segundo e, pontualmente, o terceiro em situação de “incapacidade financeira”. O terceiro comparticipa o segundo com o pagamento de uma taxa de frequência, vulgo propina.

A Educação além de um direito, que deve estar ao alcance de todos, é um motor de desenvolvimento económico. Por isso, num período de asfixia financeira, como aquele que atravessamos, deve haver um reforço no seu financiamento para combater uma elitização do sector e estimular dinâmicas de desenvolvimento. No contexto actual, a Educação deve ser encarada como uma das armas centrais para a recuperação económica do nosso país. Em resposta à diminuição da dotação do Orçamento de Estado a maioria das Instituições tem vindo a fixar sistematicamente o valor da propina máxima para assegurar a sua missão. Num período socio-económico débil, assusta-me, bastante, o valor que toma hoje a propina, e o valor que estas representam dos custos deste ensino (o valor das propinas pagas em 2012, representou 37% dos 859 milhões de euros transferidos pelo Estado para as universidades e politécnicos). Curiosamente, em 1994, o Tribunal Constitucional emitiu um acórdão, a propósito da introdução da propina no ES, onde entendia como inconstitucional a transformação dos estudantes num fonte de financiamento do sector, assim como o valor deste financiamento representar mais de 25% dos custos deste ensino.

É importante estarmos cientes de que as propinas são apenas uma pequena fatia das despesas que têm que ser suportados pelos estudantes e pelas suas famílias. Ao valor das propinas, somam-se os custos de transporte, alimentação, alojamento, livros, etc. Há um estudo, bastante interessante, levado a cabo pela Professora Luísa Cerdeira que estima os custos de educação e de vida dos estudantes do ES português, segundo o qual, em média, por ano lectivo (referência a 2010/11), um estudante gasta 5841€ (1241€ - custos de vida; 4600€ - custos de educação). (Aproveito este espaço para denunciar a quase inexistência de estudos que abordem questões relativas aos custos e financiamento do ES em Portugal, o que dificulta/compromete a construção e a sustentação de políticas de financiamento mais eficazes.). Estou certo de que muitos estudantes já desistiram de estudar, ou deste sonho, por falta de meios para suportar os seus estudos. E de que, infelizmente, muitos mais o ambicionam fazer se nada for feito.

A condição inicial de um indivíduo não pode ser, jamais, determinante ou condicionante do seu futuro. É preciso elevar o nível de equidade deste sector educativo, desenvolvendo ferramentas e redobrando esforços de inclusão dos estudantes mais carenciados. O Estado não se pode desligar desta grande responsabilidade que tem a seu cargo: garantir uma educação pública e universal para todos.

Portugal tem uma longa história de desinvestimento na Educação que nos colocou na cauda da Europa. Recordo uma das intervenções de Antero de Quental, numa sala do Casino Lisbonense, numa das célebres Conferências Democráticas: “A Europa culta engrandeceu-se, nobilitou-se, subiu sobretudo pela ciência: foi sobretudo pela falta de ciência que nós descemos, que nos degradámos, que nos anulámos”. Contudo, num passado recente, apesar da percentagem do PIB dedicada à educação ser inferior à média europeia, os indicadores de educação colocaram-nos a par dos nossos congéneres. Nos últimos anos houve uma aposta forte na ciência nas escolas que começa agora a dar os seus frutos. Não podemos desperdiçar este investimento. Portugal carece de crescimento económico. Vivemos num país sem recursos naturais e renunciamos a um modelo ▶

económico de baixos salários. Os nossos recursos são o conhecimento, a ciência e a tecnologia. Já demos provas que somos bons a produzi-los. Os alicerces para um novo modelo de desenvolvimento já estão de pé, não os desperdicemos.

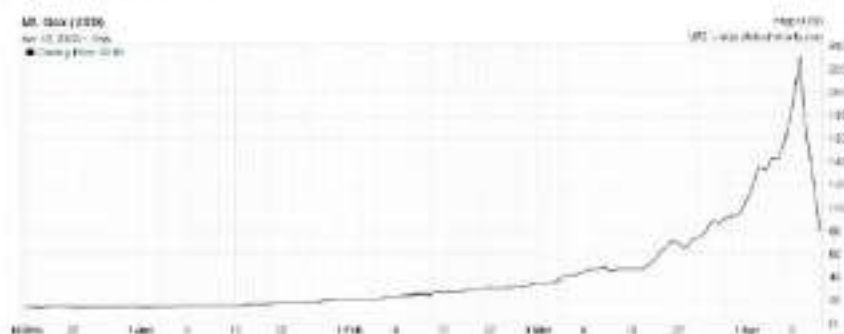
A Educação e a Escola não constituem nem um produto mercantil nem uma empresa comercial. Todo o dinheiro investido, conscientemente, neste sector não constitui uma despesa, mas, sim, um investimento. A história ensinou-nos que as melhores medidas são sempre tomadas com os olhos postos no horizonte. Num período de abrandamento económico não podemos, de modo algum, poupar no futuro. É urgente a criação de uma estratégia a longo prazo para este sector. E para isso é premente acabar com os sucessivos cortes acéfalos e autistas no investimento neste sector, reformular obsoleto sistema da Ação Social Escolar e rever a autonomia universitária e reestruturar a rede e a oferta.

O desinvestimento na Educação atrasa objectivamente a produção de conhecimento e, consequentemente, a competitividade e o crescimento económico. Termina com palavras de Derek Bok: "If you think education is expensive, try ignorance".

Pedro M. Afonso

Rebenta a bolha?

As Bitcoin não param de surpreender. A criação de um sistema de moeda electrónico e descentralizado é tido por muitos como um projecto irrealista, sendo igualmente insólita a forma de ganhar estas moedas virtuais: resolvendo problemas algorítmicos. No entanto, uma Bitcoin vale já perto de 200€.



Leões do Técnico

Foi criado o grupo de Facebook "Leões do Técnico", que junta os sportinguistas da nossa Faculdade. O objectivo, segundo partilham os seus criadores, é fazer crescer o fervor Sportinguista no Técnico (objectivo heróico que devia dar direito a mais créditos do que ACED).

O liberalismo está a passar por aqui?

No Chipre o estado congelou os levantamentos bancários; o funeral de Thatcher vai ser suportado por dinheiro público; o FMI alerta para a necessidade da Europa fechar bancos onde necessário; e Vitor Gaspar requer autorização prévia para todas as despesas públicas. Parece que o "fim da história" fica adiado.

Decidir primeiro, pensar depois

O presidente do Técnico criticou a medida do Ministério das Finanças, que proíbe o sector público de contrair novas despesas. O professor Arlindo Oliveira acrescentou que o governo "toma decisões primeiro e pensa depois", suposição polémica por alegar que o governo pensa.

HACKER SCHOOL BREAK. LEARN. BUILD.

Ao deparar com o nome desta escola, as pessoas ficam algo desconfiadas com a referência a "hacker." Uma escola de Hackers? Parece algo potencialmente perigoso.

Isto acontece pois o conceito de "hacker" é muitas vezes confundido com "cracker". Para esta escola o hacker é um entusiasta que tenta melhorar algo que já existe (hardware ou software, por exemplo).

Este semestre a HS tem estado a organizar muitos Workshops (um quase todas as terças-feiras) com objectivo de dar a quem os frequenta alguma formação que lhes possa faltar para porem os seus projetos a andar. Os temas dos Workshops andam à volta da eletrónica e programação, mas também incluem temas como o design.

Para além de Workshops, a HS tem os denominados OpenDay's e HackDay's, dias em que os membros se podem reunir para apresentar os seus projetos, trabalhar neles, recrutar pessoas para trabalhar nos mesmos e trocar ideias, contribuindo para que possam surgir novos projetos.

Os membros têm direito a não pagar alguns Workshops e podem comprar o material necessário a alguns Workshops por preços reduzidos. Terão também direito a usar a sala própria que a HackerSchool está a preparar no IST Taguspark e o material disponível.

Mais informações sobre a HS podem ser consultadas no seu website, <http://hackerschool.ist.utl.pt>.

Fica também a nota de que a HackerSchool é uma das primeiras hackerspaces em Portugal, sobretudo em meio universitário.



João Luís

PASSATEMPOS(SUDOKU)

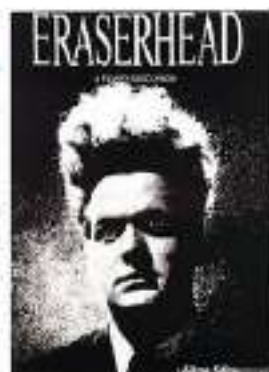
	3							
4		5	3	1				
7				9	5	2		3
2		4	8					6
9				3				7
	7				4	1		5
3		2	1	7				6
				4	3	8		1
								3

2		6		4	8			
					6			3
	7					6	4	8
7	9		2					
		1	9		7	5		
					5		9	6
1	6	2						7
9			6					
			1	5		4		9

As soluções serão disponibilizadas em www.diferencial.ist.utl.pt

AS ESCOLHAS DO DIFERENCIAL

Aqueles familiarizados com as obras de David Lynch irão reconhecer o nome *Eraserhead* como a sua primeira longa metragem. Propositadamente filmado a preto e branco, o filme abrange um misto de terror, humor negro e surrealismo que chocou a sua audiência quando foi lançado, em 1982, e inicialmente recebeu várias críticas negativas. No entanto, tal como um bom vinho do porto melhora com a idade, também a opinião do público se foi alterando pela positiva, e é agora considerado por muitos críticos uma das suas melhores obras. Para aqueles que estão furtos dos filmes tipo de Hollywood, *Eraserhead* é a escolha do Diferencial nesta edição.



13º FESTIVAL NACIONAL DE ROBÓTICA

Este Festival, que tem lugar na Escola D. Dinís, em Lisboa, entre os dias 24 e 28 de Abril, tem como objectivo a promoção da Ciência e da Tecnologia através da competição de robôs.

Desta forma, equipas de todo o país poderão disputar por um lugar no Mundial de Robótica, a realizar-se na cidade de Eindhoven, Holanda, em categorias tão diferentes como Busca e Salvamento, Dança e Futebol Robótico Juniores, Condução Autónoma e Futebol Robótico Médio.

É de realçar que esta edição contará com a participação de equipas do IST.

Paralelamente, no dia 24 de Abril terá lugar, no Instituto Superior de Engenharia, um Encontro Científico onde investigadores nacionais e estrangeiros se reúnem para apresentar os mais recentes resultados da sua actividade.

O evento é aberto ao público e de entrada gratuita.

Para mais informações: <http://esecddinis.pt/robotica2013/>

Beatriz Gonçalves



BINÓMIO DISCRIMINANTE



World of Tanks

Desde a Primeira Guerra Mundial que os avanços da infantaria são suportados por veículos motorizados que conseguem resistir ao fogo de armas ligeiras enquanto destroem fortificações que impedem o movimento das restantes forças armadas. Qualquer jogador de fps's como Counter Strike que tenha tido vontade de controlar um sistema de armamento decisivo e mais poderoso que uma espingarda de assalto ou um par de granadas deverá gostar do jogo aqui apresentado. World of Tanks é um MMO grátis centrado em veículos blindados dos meados do século XX, período em que decorreram algumas das maiores batalhas de tanques da história.

Sendo o estilo de jogo semelhante ao de qualquer shooter online, o facto de ser passado no interior de um tanque leva a que sejam necessárias técnicas de combate diferentes das aplicadas a um jogo de CS ou Battlefield. Disparar contra uma placa blindada requer cuidados como analisar a espessura da mesma e o poder penetrativo (sim, esta palavra é usada muitas vezes durante o jogo) das munições disparadas pelo tanque do jogador. A existência de peças de artilharia, que conseguem disparar projecteis em alto arco e acertar em alvos cobertos por muros ou rochas, controladas por jogadores obriga também a adoptar cuidados e não avançar em campo aberto mesmo que não sejam vistos inimigos nas proximidades. Por fim, a dimensão dos mapas obriga à necessidade de planejar algumas estratégias para evitar que grandes grupos de aliados sejam apanhados desprotegidos.

Com mais de 250 veículos de países como União Soviética, Estados Unidos, Alemanha, França ou Reino Unido separados nas categorias de tanque ligeiro, médio e pesado, além de peças de artilharia e veículos anti-tanque, WOT tem um bom sistema de

progressão que leva o jogador deste o tier 1, centrado em veículos dos anos 10 e 20, até ao tier X, constituído maioritariamente por tanques do pós-WWII.

Wargaming, a companhia responsável por este título, está também a preparar World of Airplanes, já em Beta, e World of Battleships, jogos baseados no mesmo conceito mas com aviões e navios. Espera-se também, a médio prazo, na junção dos 3 jogos para uma experiência mais completa.

Carlos Moreira



Chinês Clandestino

Perdido entre as ruas da Mouraria, uma porta igual a tantas outras esconde o que talvez seja um dos melhores restaurantes chineses de Lisboa. A esta ruela da Mouraria, em Lisboa, ninguém vai parar por acaso: regra geral chega-se em grupos de três, quatro, cinco. E isso é porque alguém conhece o esconderijo e leva lá os amigos. O restaurante, por não dizer a casa, fica num segundo andar. Só que, numa noite de enchente, até um aventureiro solitário pode ter de esperar uma hora por lugar sentado. Isto acontece porque, apesar do cepticismo inicial, a comida aqui confeccionada não só é barata como também é de uma qualidade extrema, utilizando ingredientes frescos e métodos culinários que fazem lembrar uma refeição familiar.

Agora já sabem o que fazer se algum dia decidirem ser aventureiros. Procurem este prédio coberto de graffiti e com uma bicicleta abandonada a porta. Após comerem a comida que a família Liu confecciona não só estarão convertidos como também terão vontade de partilhar este segredo.

Alberto Cohen



AGENDA CULTURAL

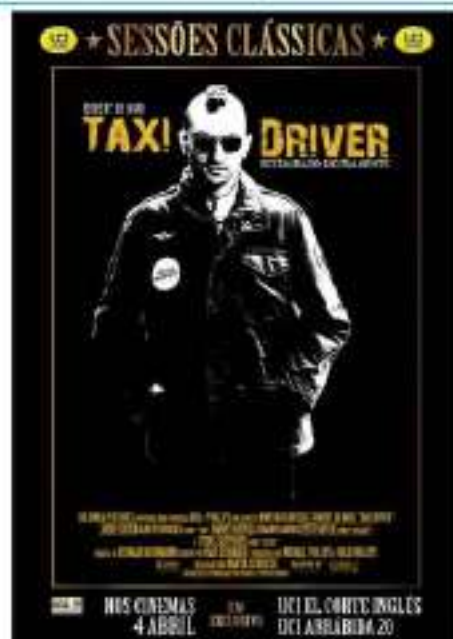
Festival Nacional de Robótica

Entre os dias 25 e 28 de Abril, Lisboa é invadida pelo 13º Festival Nacional de Robótica. Entre competições e palestras, investigadores nacionais e estrangeiros da área reúnem-se para apresentar os mais recentes resultados da sua actividade na Escola Secundária de D. Dinis. Paralelamente, dias 24 e 25, no ISEL, ocorre a 13th International Conference on Autonomous Robot Systems. Mais informação no site esecdinis.pt/robotica2013.



Jazz na Baixa Chiado

No mês em que se celebra o Dia Internacional do Jazz, o mais antigo clube de jazz da Europa, Hot Clube de Portugal, que desenvolve a sua atividade há precisamente 65 anos, desce à Baixa-Chiado PT Bluestation. Durante o mês de Abril, o metro enche-se de música, desde aulas abertas a convidados especiais, porque como se diz "o jazz acontece onde as pessoas estão". O cartaz completo pode ser visto na página do Facebook do Baixa-Chiado PT Bluestation.



Taxi Driver

Taxi Driver, o clássico de Martin Scorsese de 1976, dispensa apresentações para os fãs. Desta vez chega-nos numa versão restaurada digitalmente em 4K, tal como apresentada no Festival de Berlim de 2011. Palma de Ouro em Canes no ano de lançamento, Taxi Driver conta com a participação de Robert De Niro como Travis Bickle, ex-soldado do Vietname que conduz um táxi à noite em Nova Iorque e cujos traumas e obsessões ditam o filme.

Sete psicopatas

Marty (Collin Farrell) tenta escrever o argumento de um filme chamado Sete Psicopatas, sem grande sucesso. Numa reviravolta, Marty e o seu melhor amigo Billy vêm-se envolvidos em problemas com um mafioso depois de os seus amigos terem roubado o seu amado Shih Tzu. De repente, vemos-nos num filme dentro de um filme, entre histórias reais e um misto de narrativa onde os personagens principais são os imaginados por Marty.



CARTOON

